

Nota de Abertura: Husserl e a declinação da Europa como Filosofia

Nuno Nabais
(CFCUL/FLUL)
nunonabais@hotmail.com

Em *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari deixam ver até que ponto a pergunta «o que é a filosofia?» só se deixa pensar quando chega a velhice.¹ É o momento de liberdade soberana, de não-estilo, em que todas as paisagens de uma vida, todos os personagens conceptuais que povoaram horas e horas de escrita, fornecem a matéria para uma nova definição daquilo que não existe senão por uma forma de vida. Mas eles mostram como são raros os textos onde o último momento de uma obra arrasta consigo o centro do que seja a filosofia. Nem sempre coincidem as paisagens de uma época e as personagens de uma vida. Nem sempre aquilo que se deposita na memória de um pensamento condensa as experiências teóricas de uma comunidade. Por isso, quando esse encontro se dá, ele é da ordem do cismo, provoca fracturas sem retorno. E, no entanto, ele tem sempre a forma de um acontecimento insignificante, quase invisível.

Esse foi o caso da *Crítica da Faculdade do Juízo*, de Kant. Ninguém esperava que, no fim da vida, ele escrevesse a obra que continha grande parte do programa teórico dos séculos seguintes. Depois de, com a *Crítica da Razão Pura* e com a *Crítica da Razão Prática*, ter traçado os novos mapas do conhecimento e elevado à condição de fundamento da moral o respeito pelas leis da razão, parecia que a Kant só restava aprofundar o modelo crítico. Seria em si mesma uma tarefa gigantesca alargar o esclarecimento das ilusões transcendentais aos campos do direito, da religião e das ciências da natureza. E no entanto, é a última das três *Críticas*

1 Gilles Deleuze & Felix Guattari, *Qu'est-ce que la philosophie?*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1991, p. 7 ss.

que produz a grande fractura. Sobre o fundo das notícias que chegam a Königsberg da revolução francesa, Kant desenhou, no interior de um nova compreensão do juízo estético, essa fusão entre as vanguardas artísticas e o entusiasmo político que define ainda hoje o horizonte da filosofia

A conferência *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*, apresentada por Husserl em Viena, três anos antes de morrer, faz parte desse pequeno grupo de textos derradeiros. O seu tema é a Europa. Mas é a natureza da filosofia que está em jogo. Husserl convoca toda a história deste lugar, desde os Gregos, para no interior das diferentes formas de experiência da humanidade europeia recortar uma forma, não apenas singular, mas fundadora da identidade da própria Europa: a forma da experiência da filosofia.

A conferência de Viena foi talvez o momento onde as paisagens especulativas de uma época e o declínio de uma vida de pensamento tenham convergido de forma mais exacta. Elas adquiriram, desse modo, a condição de verdadeiras determinações transcendentais do próprio conceito de filosofia. É como se toda a história do ocidente, toda a memória intelectual da Europa, se concentrasse num único lugar e numa única voz, no interior de um único conceito. Para Husserl, essa actividade estranha que é a orientação do conjunto da existência humana para tarefas infinitas de conhecimento, para a criação de conceitos universais, numa palavra, para a teoria, apesar da sua dimensão universal, tem uma pátria, tem um território próprio. Por isso, perguntar «o que é a filosofia?» é perguntar «o que é a Europa?»

E é Husserl, a partir de um não-lugar e de um tempo suspenso, que vem enunciar esta declinação da Europa como filosofia.

Husserl fala num lugar e num momento quase irreais. Em 1935, Viena é uma cidade à deriva. Capital da Áustria, ela está cercada pelos fantasmas de todas as nações que se separaram do antigo Império Austro-Húngaro na sequência da catástrofe da primeira Grande Guerra. Ao mesmo tempo, Husserl habita ele mesmo há muito um não-território. Ele é judeu, nascido no que é hoje a República Checa. Professor jubilado da Universidade alemã de Freiburg, Husserl está impedido, depois da tomada do poder pelos nazis, de qualquer actividade pública. Ele está mesmo proibido de entrar na Universidade onde o seu antigo discípulo Heidegger, eleito Reitor, aplica com zelo as leis anti-judaicas. A única forma de romper o exílio interior na Alemanha é aceitar o convite para apresentar os últimos desenvolvimentos do seu trabalho em Viena. Mas Viena já está condenada pelo seu próprio

interior. Dentro de três anos ela deixar-se-á anexar por Hitler, esse austríaco que se tinha exilado na Alemanha.

Em cada linha da conferência de Husserl sente-se esse estado de sítio que se abateu sobre a Europa. Só restava inventar, do interior do cerco que os nazis querem impor em nome de um «espaço vital» [*Lebensraum*], uma figura absoluta de exterioridade, mas de uma exterioridade que fosse imanente ao território sitiado. E, lentamente, do fundo de uma recapitulação dos povos, das profissões, das atitudes que foram constituindo uma herança comum na Europa, Husserl vai esboçando em paralelo, como imagem reflectida uma da outra, as duas únicas realidades que podem romper o cerco. Elas são uma certa forma de humanidade, a humanidade europeia, e uma certa forma de vida, a filosofia como atitude orientada para tarefas infinitas de conhecimento e de fundamentação. E tanto a humanidade europeia como a filosofia existem num lugar novo. É um lugar que não tem a condição de um território, que não tem horizontes delimitados, não tem um chão, uma terra, sem por isso coincidir com o universo ou o universal. O lugar onde a humanidade europeia oferece à filosofia um lugar de existência, ao mesmo tempo excêntrico e imanente, é a Europa, mas a Europa como um mundo [*Welt*], como mundo envolvente [*Umwelt*], isto é, como um conjunto de práticas e de criações culturais que transformam em paisagens familiares e em personagens conceptuais partilhadas as experiências quotidianas. A Europa que Husserl quer pensar é a Europa que existe como um mundo-da-vida [*Lebenswelt*]. É o fundo último das crenças, cenário das representações das coisas e de outras subjectividades, matéria das instituições e das normas. É enquanto mundo-da-vida que a realidade da Europa tornou possível a filosofia. E é a filosofia que, dando forma ao mundo-da-vida permite, em reverso, libertar a Europa do seu cerco territorial traçado pelo «espaço-vital» [*Lebensraum*] do Terceiro Reich.

É desse não-território, dessa não pertença a uma pátria, a uma nação, que Husserl, com 78 anos, e três anos antes de morrer, quer pensar a Europa. Não surpreende portanto que a Europa só se deixe pensar como um território invisível. Para Husserl, ela não tem matéria. A Europa existe como pura forma, como a forma da filosofia.

Husserl eleva uma paisagem especulativa à condição de uma personagem conceptual, inscreve as personagens clássicas do «sábio» e do «amigo» pelas quais os gregos pela primeira vez desenharam os contornos interiores do conceito de filosofia, na paisagem da Europa. É assim a própria Europa que assume a condição de campo transcendental, ou seja, de

conjunto das condições que tornam em cada momento possível a repetição da experiência do conhecimento como criação de conceitos infinitos. Esta Europa transcendental não é a Europa das fronteiras e das nações, mas um lugar de nascimento de uma forma específica de experiência, essa experiência a que os gregos chamaram o amor da sabedoria. O conceito de Europa reenvia assim ao conceito de filosofia. Enquanto lugar de criação de conceitos, a Europa é precisamente esse conceito estranho que se define como um território de nascimento de conceitos. Segundo Husserl, a grande tarefa para a Europa foi, e é, a de descobrir-se, não como paisagem, mas como personagem do seu próprio conceito: tornar-se filosofia. E é por essa tarefa que ela cumpre a sua dimensão transcendental. Pois é no momento em que a Europa se define como território do nascimento dos conceitos, que a natureza do próprio conceito – e por ele, a definição da filosofia enquanto criação de conceitos – ganha o esclarecimento das condições de possibilidade da sua existência. O conceito revela-se como forma colectiva de vida: a da vida da humanidade europeia habitando o mundo-da-vida *Europa*.

Duas questões atravessam todo o texto de Husserl nesta constituição recíproca da Europa e da filosofia. Como deve ser a Europa para poder ser explicada na sua identidade pela filosofia? O que foi de facto a filosofia para ela poder conferir à Europa a sua identidade?

Estas duas questões parecem ter a forma de uma tautologia. Em si mesmas, elas são a simples repetição do vínculo entre os conceitos de um lugar específico e de uma forma da experiência. O que faz desta pergunta em espelho um momento fundador da nossa experiência da filosofia é o facto de ela responder a uma urgência dos tempos, a um momento decisivo da história recente da humanidade europeia. Para Husserl, tanto a Europa como a filosofia estão em decadência, em desagregação. Aquilo que constituiu a sua força e a sua fonte entrou em colapso. Esse processo, que Husserl designa como «crise da humanidade europeia», é um acontecimento único na história da Europa. Mais do que a hostilidade entre as nações no final da primeira Grande Guerra, mais do que o empobrecimento generalizado ou as grandes fracturas políticas, há na condição da Europa na década de 30 do século XX algo que toca o centro da sua própria existência, que a aproxima de um ponto limite, ao mesmo tempo de catástrofe irreversível e dissolução da sua identidade. Por si mesma a indigência económica e política da Europa como conjunto de nações poderia até ter um efeito redentor. Para Husserl, o que faz dos mil sinais de perigo a evidência

de uma crise é a desagregação da Europa como lugar da filosofia, ou melhor, o fim da filosofia como experiência de fundamentação da identidade da Europa

É verdade que a retórica da crise se tinha instalado na consciência europeia desde o final da primeira Grande Guerra. No entanto, porque orientado para a condição transcendental da Europa, para a sua natureza de espaço de construções culturais, Husserl pode ver que a crise da Europa é sobretudo uma crise do pensamento. Deste modo, o colapso em espelho da Europa e da filosofia, essa falência de uma forma experiência de vida comunitária e, simetricamente, de formas de conhecimento, é um acontecimento ao mesmo tempo material e especulativo. A crise corresponde assim, em primeiro lugar, a um desvio da filosofia face ao seu próprio destino. No momento em que as nações europeias se preparam, sem o saber, para o seu suicídio quase completo, Husserl vê, nessas catástrofes anunciadas, a degradação, não das estruturas do poder político ou dos mecanismos económicos, mas dos modelos que se tornaram dominantes nos principais programas filosóficos do seu tempo.

Para Husserl, a filosofia entrou há já algum tempo em colapso. E esse colapso não diz respeito apenas a aspectos isolados de modelos de pensamento. Nesse caso, bastaria um trabalho crítico, seria suficiente a refutação técnica dos seus pressupostos. A controvérsia sempre foi parte fundamental do progresso da teoria. Ela foi mesmo, desde o início, o regime da fenomenologia. O programa de uma descrição pura da consciência encontrou grande parte da sua verdade na refutação do psicologismo. A demonstração da autonomia das leis lógicas face às operações mentais descritas pela psicologia serviu de prolegómeno às *Investigações Lógicas* em 1900. Foi também a refutação do historicismo que ofereceu o contraponto à definição da fenomenologia como ciência, como ciência das ciências, em 1911, com o artigo *A Filosofia como Ciência Rigorosa*. O mesmo dispositivo funcionou no debate com o neokantismo, no momento de apresentar a fenomenologia como a única herdeira do modelo do idealismo transcendental em 1913, na edição de *Ideias para uma fenomenologia pura*.

Ora, no momento da Conferência de Viena, Husserl já não denuncia ilusões, já não reconstitui desvios teóricos, já não constrói argumentos. Husserl coloca-se agora do ponto de vista do diagnóstico. Ele quer compreender um mal-estar que contamina todo o pensamento europeu. A sua preocupação é sobretudo descrever os dispositivos que produziram

modelos inadequados de explicação da condição humana, tanto na sua dimensão prática, como no plano do trabalho teórico.

O diagnóstico de Husserl é aparentemente simples. A crise da filosofia seria a consequência de uma dupla ilusão:

a) pensar as criações culturais de forma naturalizada, isto é, como expressão das condições materiais das comunidades humanas;

b) compreender a ciência e a sua construção de conceitos (descritivos e explicativos) como tradução experimentalmente testável da representação do mundo.

O naturalismo nas ciências da cultura e o positivismo nas ciências da natureza são assim as enfermidades fundamentais que afectam a humanidade europeia. Estes dois modelos teóricos não só ignoram a esfera da consciência nos processos do conhecimento, como ficam impedidos de pensar a ciência na sua autonomia, enquanto construção cultural de uma racionalidade orientada para conceitos universais.

Desse modo, é a identidade cultural da Europa que se dissolve e, com ela, a dimensão universal da filosofia. A Europa aparece como um simples conjunto de nações com as suas práticas locais, e a filosofia torna-se no mero duplo especulativo de uma objectividade fundada nas ciências naturais.

Não estamos perante uma cegueira de Husserl face à iminência do horror na antevéspera de Auschwitz. É a explicação da filosofia pela Europa que obriga a explicar a crise da Europa pela crise da filosofia. Nesse sentido, não pode deixar de ser significativo o facto de Husserl vir propor este diagnóstico do mal-estar da Europa precisamente em Viena, no momento em que, aqui, tanto o naturalismo nas ciências do homem, como positivismo nas ciências da natureza passaram a ocupar um dos centros da agenda teórica do século XX. Através da psicanálise de Freud e, por outro lado, dos programas do positivismo lógico (do chamado «Círculo de Viena» nas obras de Carnap, Schlick ou Neurath), foi em Viena que se inventaram os modelos que, ainda hoje, definem o fundamental da vertente materialista tanto das ciências humanas como das naturais.

O fundo deste texto é pois o de um manifesto pela filosofia e pelas experiências da razão que transformaram a Europa num património universal. Mas, o que nele se escuta é também o início da grande fractura entre modelos de inteligibilidade que organizam ainda o espaço teórico europeu: fenomenologia e filosofia analítica.